EXPOSIÇÃO : ESCULTURAS DE LUIZ GONZAGA

Promoção: DAC/SEC
MARGS

Local: MARGS

Nº de peças: 12 esculturas

Período: 06 / 08 / 75 a 24 / 08 / 75

Observações:

Inauguração: 06 de agosto de 1975 às 19 horas

Visitantes: 1056

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

Têm a honra de convidar Vossa Excelência e Excelentíssima Família para a inauguração da EXPOSIÇÃO DE ESCULTURAS DE LUIZ GONZAGA, dia 6 de agosto, quarta-feira, às 19 horas, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Avenida Salgado Filho, 235, 1.º andar.

Período da Exposição: de 6 a 24 de agosto

Porto Alegre, julho de 1975

CORREIO DO POVO

1º-8-75

Escultura no MARGS

Uma nova mostra do escultor Luís Gonzaga Mello Gomes no Museu de Arte do Rio Grande do Sul será realizada no período de 6 a 24 de agosto próximo, com promoção do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura.

Luís Gonzaga, jovem escultor, é uma das novas promessas que podem se conjugar aos diversos valores que o estado gaúcho possui no campo das artes plásticas, devido à sua dedicação ao trabalho e também ao dimensionamento de suas esculturas.

O escultor, por seus recursos técnicos de muita expressividade, está se revelando como um dos talentos mais promissores da nova geração dedicada a escultura no sul do país.

Luis Gonzaga já recebeu vários prêmios em Porto Alegre e sua exposição tem promoção do DAC-SEC sempre preocupado em prestigiar os novos talentos que contribuem à um maior dinamismo no campo artístico do Rio Grande do Sul.

Jornal: F. T.
Data: 21 / 07 / 75
Página: esculturas de
Assunto: Luiz Gonzaga

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

AGENDA F.T. 21/7/75

Escultura de Luís Gonzaga. Ele vai expor no MARGS de 6 a 24 de agosto

* Em Brasília, começa hoje o VIII Festival do Cinema Brasileiro, incluído nas comemorações do 15.o aniversário daquela cidade. Os filmes concorrentes são: «Compasso de Espera», de Antunes Filho; «A Guerra Conjugal», de Joaquim Pedro de Andrade: «A Rainha Diaba», de Antonio Carlos Fontoura; «A Lenda de Ubirajara», de André Luís de Oliveira; «Nem os Bruxos Escapam», de Waldir Escolani e «Deliciosas Traições de Amor», de Domingos de Oliveira, Teresa Trauman e Phidias Barbosa.

* **O escultor Luís Gonzaga prepara uma série de trabalhos para a individual que vai realizar no MARGS, de 6 a 24 de agosto. Ele reside em Santa Maria onde leciona no Centro de Artes da UFSM. No ano passado, participou de duas coletivas em Porto Alegre: tapeçarias na Guignard e esculturas na Galeria do Instituto de Artes UFRGS.**

* Próxima quinta-feira, às 21 horas, no teatro de Câmara, estréia um espetáculo do Grupo Experimental de Dança. Formado pela Associação de Professores de Dança do RGS, este conjunto vem realizando um trabalho inovador no gênero, mostrando agora o resultado de suas mais recentes pesquisas.

* **O Grupo de Teatro Renascença estreou no último sábado, em Santa Cruz do Sul, o espetáculo «Telhados Vermelhos», peça escrita e dirigida por Flavio Quinto. No elenco, Gianni Godoy, Eliane Dorneles e Adolfo Hazekman. Após uma série de apresentações no interior (Pelotas, Bagé, Santo Ângelo), a peça deverá ser encenada no Clube de Cultura.**

Jornal: D. N.
Data: 31 / 07 / 75
Página: esculturas de
Assunto: Luiz Gonzaga

Artes Plásticas

D.N. 31/7/75

Eduardo Conill

OLEO de Nelson Jungbluth: acervo do IAB.

ESCULTURAS DE LUIZ GONZAGA NO MARGS

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (DAC/SEC) está convidando para a inauguração da mostra de esculturas de Luiz Gonzaga, dia 6 de agosto, quarta-feira, em seu novo horário de vernissages "19 horas". A exposição que permanece aberta ao público no período de 6 a 24 de agosto já contará em sua inauguração com as reformas e melhoras sofridas pelo Museu ainda antes de sua mudança definitiva de local. O Dr. Luiz Inácio Franco de medeiros, Diretor do Museu, fez com que as reformas melhorassem consideravelmente o aspecto interior das salas de exposições que guardavam ainda características dos ambientes anteriormente instalados no prédio.

Ainda com o patrocínio do MARGS, SEC, DAC, Instituto de Artes da UFRGS e Instituto Cultural Brasileiro Alemão foi inaugurada quarta-feira última (dia 30) na Galeria de Exposições do Instituto de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul a mostra de Gravuras Alemãs "Fantasia e Realidade". Um trabalho do mais alto valor esse em que essas entidades se empenham mostrando, aos poucos, a arte de todo o mundo - suas técnicas, suas temáticas e suas tendências - permitindo, inclusive, uma visão global e comparativa com a nossa arte.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

A Galeria do IAB está apresentando no presente mês de julho e parte do mês de agosto o seu acervo. Devido ao esvaziamento que a cidade sofre nas férias e a necessidade de uma retomada em sua programação a Galeria está mostrando trabalhos excelentes e dos nomes mais conhecidos no Brasil e exterior que compõem sua coleção.

De sua programação para o próximo semestre ja se pode contar com o nome de Farnese de Andrade, um dos poucos artistas brasileiros que mais vende e é bastante conhecido no exterior residindo atualmente em Barcelona. Entre os meses de setembro e outubro a mostra de Farnese estará se constituindo talvez no maior acontecimento em artes plásticas no Rio Grande do Sul neste ano.

Entre as obras que fazem parte de sua exposição atual, o IAB está mostrando os desenhos de Plínio Cesar Bernhardt, as gravuras de Marcello Grassmann, Lapinski, Darel, Octávio Araújo e Tarsila, fotografias de Sérgio Axelrud, objetos de Paulo Roberto Leal e Umanski, pinturas de Ado Malagoli, Inah Fantoni, Antônio Maia, Scliar, Nelson Jungbluth e jóias de Ivo Pedro Wagner.

Jornal: C. P.
Data: 31 / 07 / 75
Pagina: esculturas de
Assunto: Luiz Gonzaga

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

C.P.
31/7/75

ESCULTURAS NO MARGS EM AGOSTO

Aperfeiçoando-se com Christina Balbão, em Porto Alegre, Luiz Gonzaga Mello Gomes, conhecido artista plástico de Santa Maria, onde leciona na universidade daquela cidade, estará realizando sua primeira mostra individual desta forma artística, em Porto Alegre. A exposição ocorrerá entre 6 e 24 de agosto próximo, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Gonzaga tem exposto seguidamente na capital gaúcha sobretudo na técnica de tapeçaria e botiques, em que também é exímio criador. Na foto, um de seus trabalhos.

co lembrada Biarritz
a da nobreza européia

nosco numa excursão de um dia até San Sebastian.

Disseram-nos que há um trânsito intenso através da fronteira por parte dos fran-

Esse hotel é supremo e seus preços condizem. Um quarto duplo está na ordem de 650 cruzeiros diários (dependendo naturalmente das flutuações

Jornal: F.T.
Data: 04 / 08 / 75
Página: esculturas de
Assunto: Luiz Gonzaga

QUARTA-FEIRA, DIA 6 — Após ter passado por uma série de reformas, o MARGS reinicia suas atividades com uma individual do escultor **Luís Gonzaga.** Radicado em Santa Maria, pertence ao corpo docente da UFSM. Nesta exposição ele trará uma série de trabalhos em resina que ficarão no MARGS até o dia 24. A inauguração está marcada para às 19 horas.

F.T. 04-8-75

Escultura de Luís Gonzaga

Jornal: D. N. e J. C.
Data: 1.º e 7 / 08 / 75
Página: esculturas de
Assunto: Luiz Gonzaga

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

858

D.N. 1/8/75

ESTÁGIO 1: A Secretaria de Educação e Cultura, o Departamento de Assuntos Culturais e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul estão convidando para a inauguração da mostra de esculturas de Luiz Gonzaga, às 19 horas da próxima quarta-feira, no Museu de Arte. A Exposição de LG fica aberta até o dia 24 de agosto.

Mostra no MARGS

J. Comércio 7/8/75

No Museu de Arte do Rio Grande do Sul iniciou ontem a Mostra de Esculturas de Luís Gonzaga Mello Gomes. A promoção do DAC/SEC, objetiva prestigiar os novos talentos que contribuem com sua participação no campo artístico do nosso Estado. Luís Gonzaga Mello Gomes, é professor da Universidade de Santa Maria e já ganhou um prêmio no Salão Cidade de Porto Alegre, com uma escultura em madeira policromada. Na exposição do MARGS, Luís Gonzaga apresenta 12 esculturas em resina sintética, recurso técnico de muita expressividade. Gonzaga está se revelando como um dos talentos mais promissores da nova geração, dedicado à Escultura, no sul do país. A mostra se estenderá até o dia 24/8. (Avenida Salgado Filho, 235.)

Jornal: C. P.
Data: 08 / 08 / 75
Página: esculturas de
Assunto: Luiz Gonzaga

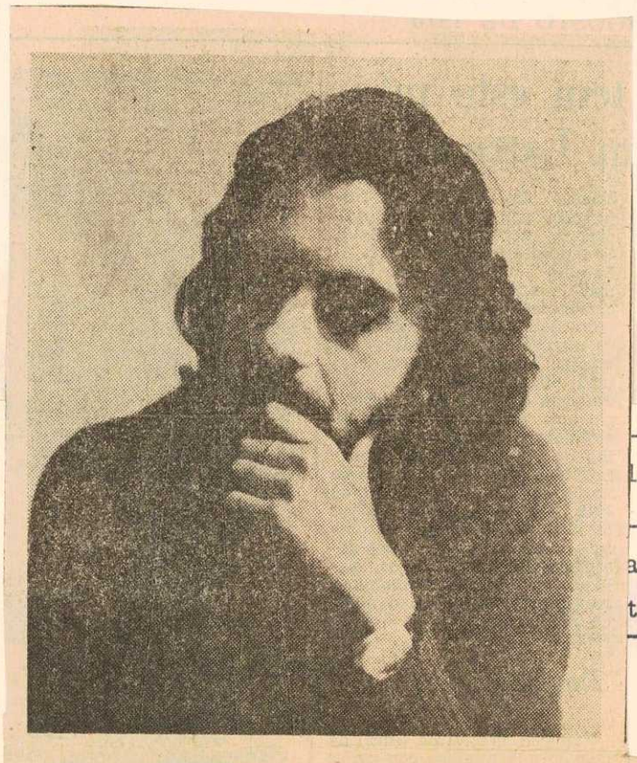
C.P. 8.8.75

Esculturas em resina sintética

O Museu de Arte do RGS está propondo a mostra de Luiz Gonzaga Gomes Melo, jovem artista e professor na Universidade Federal de Santa Maria. Formado pelo Instituto de Artes da UFRGS, há dez anos se projetou em Salão "Cidade de Porto Alegre" e desde então tem figurado em salões coletivos, com experiências em batique. Trilhando a Bahia e Minas Gerais, se afeiçoou no barroco brasileiro e seu resultado aqui está nesse plasticismo volumétrico barroquento, de doze peças esculpidas em resina sintética, com motivações simbólicas, plasmando obras sugestivas e significativas no seu elan neobarroco. Premiado nada menos de três vezes entre nós, o jovem artista e professor tem talento e mostra sentido de pesquisa de nossas raízes nacionais e sua inspiração é condizente e sua mostra é apresentada por Carlos Scarinci.

O MARGS se reabre com a principal sala pintada e sem os espelhos em torno das colunatas do tempo em que foi sede do "Cotillon Clube", o que destoava e agora dá a impressão de maior espaço e austeridade, contribuindo para o relevo da mostra pessoal que é a primeira que faz Luiz Gonzaga.

A. O.



1: 09/08/75
a: esculturas de
to: Luiz Gonzaga

9-8-1975

Luiz Gonzaga

Quem não tiver talento percorre um caminho que não leva a lugar nenhum

Desde quarta-feira o Museu de Arte do Rio Grande do Sul está mostrando 12 esculturas do jovem artista gaúcho Luiz Gonzaga. Gonzaga nasceu em 1940 em Júlio de Castilhos, cursando o Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1966. Participou de vários salões, recebendo prêmios em tapeçaria, cerâmica e escultura.

Seus trabalhos ficam no MARGS (Av. Salgado Filho, 235) até o dia 24 de agosto deste mês a podem ser vistos no horário comercial.

CP — Tuas figuras são barrocas. Essa influência é consciente, buscada ou não tens nenhuma explicação racional para ela?

GONZAGA — Sempre me atraiu esse misticismo todo, essa sensualidade do barroco, atração que fez com que eu procurasse a Bahia e Minas. Viagem de buscas, viagem de encontro de raízes, que é claro que se refletem no que faço mas consigo determinar o limite exato dessa influência. Minha obra é sempre o resultado — muitas vezes inesperado — de todas as coisas que tenho absorvido, somatório de experiências e sensações.

CP — E isto sempre foi assim, essas formas aladas, essa figura humana, ou a exposição do MARGS marca o começo de um novo caminho?

GONZAGA — Há coisas que são nascidas agora, no momento dessa exposição; há figuras em que eu faço uma homenagem a formas que eu já tinha estudado, que perambulavam dentro de mim e que só consegui fazer quando encontrei esse material, que satisfaz o que vinha buscando.

CP — Neste caso entendes que o encontro de um determinado material pode ser decisivo à realização de um artista?

GONZAGA — No meu caso sim. A demora do encontro fez com que eu procurasse expressão noutras manifestações da arte plástica além da escultura. Fiz trabalhos em cerâmica e tapeçaria. Ganhei, inclusive, alguns prêmios com eles mas nem sempre os resultados foram felizes.

CP — É necessário que fales desse misterioso material que, conforme tuas palavras, te permitiu ampla liberdade de expressão?

GONZAGA — Não existem mistérios. Ele é resultado de muitas experiências, mistura de resinas, edição de novos elementos. A técnica da minha escultura é igualmente corriqueira: o trabalho é modelado em barro e passa pelo processo de "forma-perdida" em gesso para fundição. A fundição — da qual resulta a obra final — quase contínuo. Meu envolvimento é total e continuado.

CP — Então se pode deduzir que qualquer pessoa, num ambiente onde se vive arte, se tornará naturalmente um artista? A arte seria, nesse caso, apenas produto do condicionamento do ambiente.

GONZAGA — Não penso assim. A arte tem que estar na gente, ela é produto das coisas que a gente absorve, como uma esponja, de tudo. Se existe condicionamento este funciona apenas em relação àquilo que a gente é, a gente tem.

CP — Tuas esculturas apresentam pombos, cruzes, e outras formas misturadas às figuras humanas. Existe a intenção pré-determinada delas?

GONZAGA — Não. Mas se elas surgem no momento da criação e funcionam plásticamente porque não incluí-las? Símbolos? Não sei. Eles me aparecem quando estou criando e reclamam sua realização, exigem vida própria.

CP — E quando o artista não consegue expressar o que sente, o que tem dentro de si, o que acontece com ele?

GONZAGA — Se sente angústia, impotência. Eu já passei por isso nesse período todo em que não conseguia encontrar um material adequado à expressão plástica das "esculturas" que já se tinham formado no meu interior.

CP — Falas das tuas obras quase como se fossem filhos. Que tipo de relação acontece entre ti e teus trabalhos depois de feitos e expostos?

GONZAGA — Há um permanente espanto. Elas me surpreendem, pois às vezes, durante o momento da criação, de entrega ao trabalho, a impressão que tenho da escultura que estou fazendo é diferente do resultado. Daí a ênfase que eu dou à intuição, à manifestação, à manifestação livre sem seguir um roteiro calculado, determinado.

CP — Como tu mesmo dizes, toda obra de arte é uma revelação do artista, é a projeção inconsciente de seus sentimentos, retrato de seu universo sensível. Se isso é verdade como reages então aos críticos que determinam símbolos e encontram explicações para teu trabalho?

GONZAGA — Gosto do que Scarinci escreveu sobre as esculturas que estou mostrando no MARGS. Sua apreciação crítica é fruto de muitos encontros, de horas inteiras em que trocamos opiniões, que falamos da arte. Além do mais ele não procurou enxergar significados nos símbolos, nem tentou explicações pelo aparecimento dos temas.

— Então não aceitas, para o teu trabalho, nenhum tipo de crítica?

GONZAGA — Não é bem isso. A imagem tem conotações particulares para cada pessoa. Quer dizer que eu posso discordar da análise das pessoas sobre as minhas coisas mas não me cabe o direito de impedir tais julgamentos, pois também neles, como na obra artística — existe a projeção — consciente ou inconsciente do mundo particular de quem olha, analisa.

No momento em que a obra sai de meu atelier ela não me pertence mais, passa a ter vida própria e a significar coisas diferentes para pessoas diferentes.

E é na multiplicidade infinita desses julgamentos que — acredito — se afirma a permanência e a grandeza da verdadeira obra de arte.

IVO EGON STIGGER

9-8-1975

Luiz Gonzaga

Quem não tiver talento percorre um caminho que não leva a lugar nenhum

Desde quarta-feira o Museu de Arte do Rio Grande do Sul está mostrando 12 esculturas do jovem artista gaúcho Luiz Gonzaga. Gonzaga nasceu em 1940 em Júlio de Castilhos, cursando o Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1966. Participou de vários salões, recebendo prêmios em tapeçaria, cerâmica e escultura.

Seus trabalhos ficam no MARGS (Av. Salgado Filho, 235) até o dia 24 de agosto deste mês a podem ser vistos no horário comercial.

CP — Tuas figuras são barrocas. Essa influência é consciente, buscada ou não tens nenhuma explicação racional para ela?

GONZAGA — Sempre me atraiu esse misticismo todo, essa sensualidade do barroco, atração que fez com que eu procurasse a Bahia e Minas. Viagem de buscas, viagem de encontro de raízes, que é claro que se refletem no que faço mas consigo determinar o limite exato dessa influência. Minha obra é sempre o resultado — muitas vezes inesperado — de todas as coisas que tenho absorvido, somatório de experiências e sensações.

CP — E isto sempre foi assim, essas formas aladas, essa figura humana, ou a exposição do MARGS marca o começo de um novo caminho?

GONZAGA — Há coisas que são nascidas agora, no momento dessa exposição; há figuras em que eu faço uma homenagem a formas que eu já tinha estudado, que perambulavam dentro de mim e que só consegui fazer quando encontrei esse material, que satisfaz o que vinha buscando.

CP — Neste caso entendes que o encontro de um determinado material pode ser decisivo à realização de um artista?

GONZAGA — No meu caso sim. A demora do encontro fez com que eu procurasse expressão noutras manifestações da arte plástica além da escultura. Fiz trabalhos em cerâmica e tapeçaria. Ganhei, inclusive, alguns prêmios com eles mas nem sempre os resultados foram felizes.

CP — É necessário que fales desse misterioso material que, conforme tuas palavras, te permitiu ampla liberdade de expressão?

GONZAGA — Não existem mistérios. Ele é resultado de muitas experiências, mistura de resinas, edição de novos elementos. A técnica da minha escultura é igualmente corriqueira: o trabalho é modelado em barro e passa pelo processo de "forma-perdida" em gesso para fundição. A fundição — da qual resulta a obra final — é feita com este material, uma mistura de diversos resíduos sintéticos saturados.

CP — Como foi tua opção pela arte?

GONZAGA — É difícil responder. Nunca pensei diferente, nunca fiz uma opção. A arte está no centro da minha vida deste tempos que nem me lembro.

CP — E a tua intenção na arte qual é?

GANZAGA — Poder realizar as obras; materializar esses "seres" que estão na gente. Transformar sentimentos em coisas físicas, em obras de arte esta é, acredito, a fome incessante que impele todo o artista.

CP — E o teu caminho particular por onde ele passa até a criação final da obra?

GONZAGA — Pela sensibilidade é essencial. Ealgo, eu sei, que pode ser desenvolvido mas eu acredito muito no talento inato. Quem não tiver talento, sensibilidade, percorre um caminho muito longo que muitas vezes não chega a lugar nenhum.

CP — Sensibilidade é inspiração?

A inspiração — ainda que alguém implique com o termo — é o encontro de várias coisas. Tempo material, momento, estado de espírito, instante de criação.

CP — A inspiração vem sempre, pode ser provocada ou independente da razão e da vontade do artista?

GONZAGA — Olha, eu tenho a sorte de trabalhar num meio propício — leciono numa escola de Arte — logo o processo é quase contínuo. Meu envolvimento é total e continuado.

CP — Então se pode deduzir que qualquer pessoa, num ambiente onde se vive arte, se tornará naturalmente um artista? A arte seria, nesse caso, apenas produto do condicionamento do ambiente.

GONZAGA — Não penso assim. A arte tem que estar na gente, ela é produto das coisas que a gente absorve, como uma esponja, de tudo. Se existe condicionamento este funciona apenas em relação àquilo que a gente é, a gente tem.

CP — Tuas esculturas apresentam pombos, cruzes, e outransformas misturadas às figuras humanas. Existe a intenção pré-determinada delas?

GONZAGA — Não. Mas se elas surgem no momento da criação e funcionam plásticamente porque não incluí-las? Símbolos? Não sei. Eles me aparecem quando estou criando e reclamam sua realização, exigem vida própria.

CP — E quando o artista não consegue expressar o que sente, o que tem dentro de si, o que acontece com ele?

GONZAGA — Se sente angústia, impotência. Eu já passei por isso nesse período todo em que não conseguia encontrar um material adequado à expressão plástica das "esculturas" que já se tinham formado no meu interior.

CP — Falas das tuas obras quase como se fossem filhos. Que tipo de relação acontece entre ti e teus trabalhos depois de feitos e expostos?

GONZAGA — Há um permanente espanto. Elas me surpreendem, pois às vezes, durante o momento da criação, de entrega ao trabalho, a impresão que tenho da escultura que estou fazendo é diferente do resultado. Daí a ênfase que eu dou à intuição, à manifestação, à manifestação livre sem seguir um roteiro calculado, determinado.

CP — Como tu mesmo dizes, toda obra de arte é uma revelação do artista, é a projeção inconsciente de seus sentimentos, retrato de seu universo sensível. Se isso é verdade como reages então aos críticos que determinam símbolos e encontram explicações para teu trabalho?

GONZAGA — Gosto do que Scarinci escreveu sobre as esculturas que estou mostrando no MARGS. Sua apreciação crítica é fruto de muitos encontros, de horas inteiras em que trocamos opiniões, que falamos da arte. Além do mais ele não procurou enxergar significados nos símbolos, nem tentou explicações pelo aparecimento dos temas.

— Então não aceitas, para o teu trabalho, nenhum tipo de crítica?

GONZAGA — Não é bem isso. A imagem tem conotações particulares para cada pessoa. Quer dizer que eu posso discordar da análise das pessoas sobre as minhas coisas mas não me cabe o direito de impedir tais julgamentos, pois também neles, como na obra artística — existe a projeção — consciente ou inconsciente do mundo particular de quem olha, analisa.

No momento em que a obra sai de meu atelier ela não me pertence mais, passa a ter vida própria e a significar coisas diferentes para pessoas diferentes.

E é na multiplicidade infinita desses julgamentos que — acredito — se afirma a permanência e a grandeza da verdadeira obra de arte.

IVO EGON STIGGER

Jornal:
Data: 09 / 08 / 75
Pagina: esculturas Luiz Gonzaga

9/8/75

LUIZ GONZAGA — *"Anjo", escultura em material sintético*

O jovem escultor gaúcho de Júlio de Castilhos está mostrando, na Galeria do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, doze trabalhos recentes. Figuras humanas barrocas aliadas a símbolos e elementos esparsos de arquitetura e paisagem.

E S C U L T U R A D E G O N Z A G A

O trabalho de Luiz Gonzaga reunido nesta mostra é bem revelador de sua rica percepção artística, de sua sensibilidade que se afirma reunindo signos remotos de uma visão mística que se faz íntima reflexão ao formular uma linguagem de evocações. Olhando-o assalt-nos, de saída o jogo dos contrastes: puros símbolos em metamorfose se aliam a elementos esparsos de arquitetura e paisagem. Os elementos postos à disposição de uma sutil ambiguidade que gera espaços apropriados às transposições de aspectos de um mundo pessoal e d e um mundo outro, real mas também sonho, de cujo encontro dimana um silêncio que fala, pois é meditação, nostalgia, esperança.

A obra se quer fictícia, presença e ausência ao mesmo tempo. Por isso, no seu conjunto, os signos acabam perdendo suas referências para concentrarem uma pura presença indicadora do insondável; os símbolos perdem qualquer qualquer significado institucional ou social, mas se abrem para acolher o pensamento se adentrando em sí mesmo. O volume aí está para produzir luz e sombre, ou para recolher-se quase insuspeitado, noturno. Do pomto de vista temático, elementos astrais confundem-se com a face alada de cabelos soltos, criando distâncias, estabelecendo, no silêncio, o diálogo. Noutras peças, o ôlho consciência coabita o espaço com a estrela e a arquitetura do parapeito detrmina o lugar ausente da contemplação, transformada ela mesma num espaço outro que salta para dentro de si mesmo, dando-nos a imagem sensível do infinito. No seu conjunto permite a constatação das virtualidades poéticas das artes visuais e se queremos compreender sua mensagem de romantismo, precisamos antes libertar-nos de nossos comuns preceitos realistas para aceitar a convocação mágica da poesia.

CARLOS SCARINCI

LUIZ GONZAGA nasceu em 1940 em Júlio de Castilhos. Cursou em 1966 o Instituto De Belas Artes da UFRGS. Entre os prêmios que conquistou em coletivas, destacam-se: Menção Honrosa em Escultura no II º Salão Cidade de Porto Alegre, 1965. Iº Prêmio em Escultura do IIº Salão De Arte Universitária na Galeria Sete Povos 1967. Iº Prêmio em Escultura do IIIº Salão Cidade de Porto Alegre 1967. Expôs Batiques na Galeria do Instituto Central de Artes da UFRGS, juntamente com desenhos de Clébio Sória 1971. Em 1973 fez curso de Tapeçaria com Yeddo Tietze no Centro de Artes da UFSM. Em 1974 participou de coletiva de Tapeçaria na Galeria Guignard, de Porto Alegre. No mesmo ano, exposição coletiva de Tapeçaria na Galeria do Instituto Central de Artes da UFRGS. Durante o Curso de Escultura frequentou o atelier de Christina Balbão, que contribuiu para sua formação. A partir de 1966 realiza viagens pela Bahia e Minas Gerais onde entra em contato com o Barroco. Desde 1969 leciona na UFSM.

1. Porta Retrato
2. Noturno I
3. Noturno II
4. Estrela
5. Anjo
6. Remanso
7. Primavera
8. Cariátide
9. Figura com esplandor
10. Aurora
11. Vésper
12. Imagens sobre o mar

museu de arte do rio grande do sul departamento de ciência e cultura
praça mal. deodoro — teatro são pedro — 1.º andar — fone 4130 pôrto alegre — rgs

L E V A N T A M E N T O

VISITANTES

ESTUDANTES.....110

ARTISTAS.....41

PROFESSORES.....34

OUTRAS CIDADES.....77

OUTROS ESTADOS.....16

PAÍSES.....14

CONV. ESPECIAIS.....118

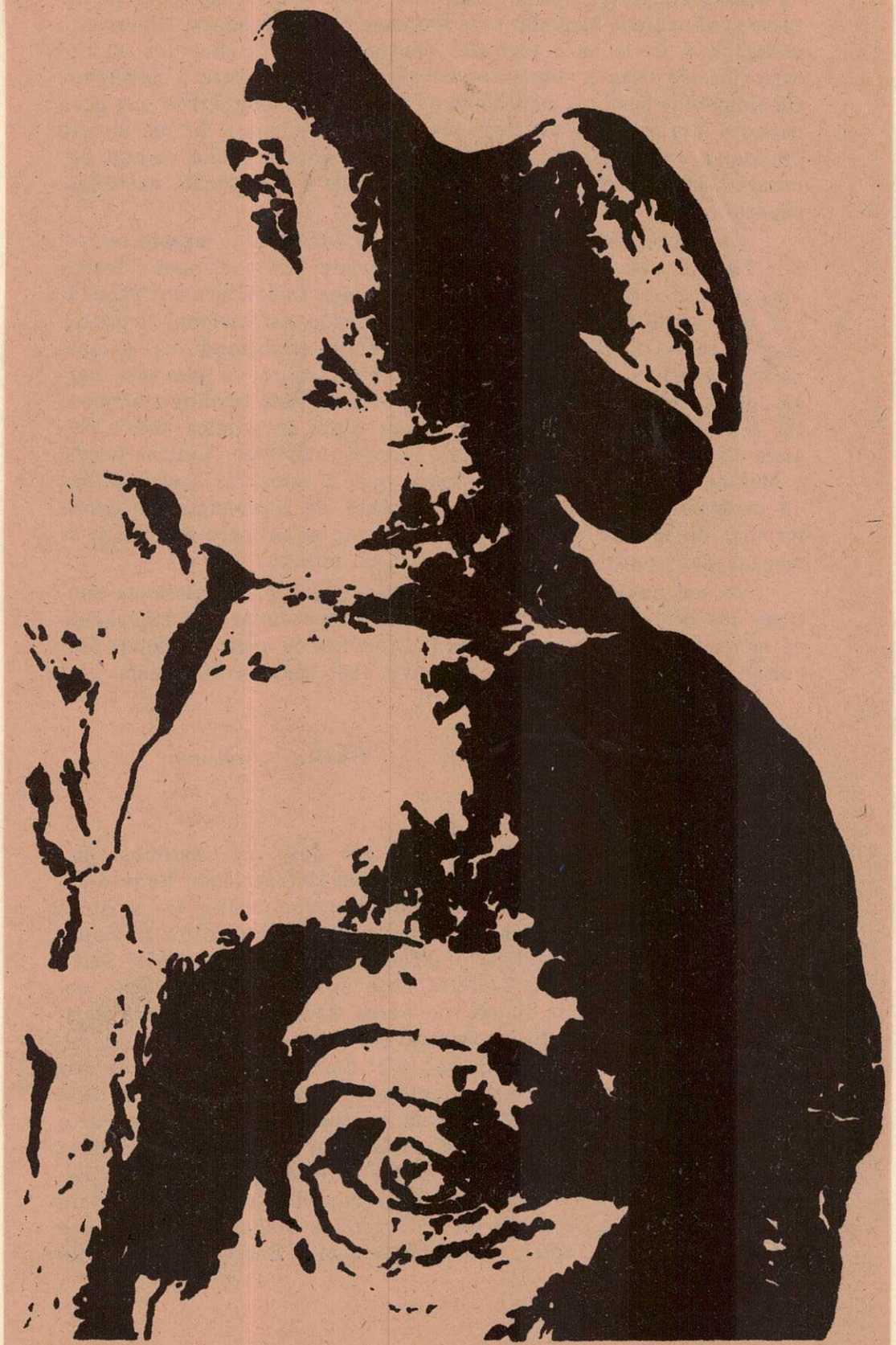
OUTROS.....46

TOTAL: 1.056 Visitantes (Subatividade individual)

DESPESAS EFETUADAS: C$ 1.140,00

museu de arte do rio grande do sul departamento de ciência e cultura
praça mal. deodoro — teatro são pedro — 1.º andar — fone 4130 pôrto alegre — rgs

ESCULTURA DE GONZAGA



6 À 24 AGOSTO

DAC-SEC, MUSEU DE ARTE DO R.G.S.

AV. SALGADO FILHO 235, 1º ANDAR - P.ALEGRE

O trabalho de Luiz Gonzaga reunido nesta mostra é bem revelador de sua rica percepção artística, de sua sensibilidade que se afirma reunindo signos remotos de uma visão mística que se faz íntima reflexão ao formular uma linguagem de evocações. Olhando-o, assalta-nos, de saída o jogo dos contrastes: puros símbolos em metamorfose se aliam a elementos esparsos de arquitetura e paisagem. Os elementos postos à disposição de uma sutil ambiguidade que gera espaços apropriados às transposições de aspectos de um mundo pessoal e de um mundo outro, real mas também sonho, de cujo encontro dimana um silêncio que fala, pois é meditação, nostalgia, esperança.

A obra se quer ficticia, presença e ausência ao mesmo tempo. Por isso, no seu conjunto, os signos acabam perdendo suas referências para concentrarem uma pura presença indicadora do insondável; os símbolos perdem qualquer significado institucional ou social, mas se abrem para acolher o pensamento se adentrando em si mesmo. O volume aí está para produzir luz e sombra, ou para recolher-se, quase insuspeitado, noturno. Do ponto de vista temático, elementos astrais confundem-se com a face alada de cabelos soltos, criando distâncias, estabelecendo, no silêncio, o diálogo. Noutras peças, o ólho consciência coabita o espaço com a estrela e a arquitetura do parapeito determina o lugar ausente da contemplação, transformada ela mesma num espaço outro que salta para dentro de si mesmo, dando-nos a imagem sensível do infinito.

No seu conjunto permite a constatação das virtualidades poéticas das artes visuais e se queremos compreender sua mensagem de romantismo, precisamos antes libertar-nos de nossos comuns preceitos realistas para aceitar a convocação mágica da poesia.

Carlos Scarinci

LUIZ GONZAGA nasceu em 1940, em Júlio de Castilhos. Cursou em 1966 o Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre os prêmios que conquistou em mostras coletivas, destacam-se: Menção Honrosa em Escultura no IIº Salão Cidade de Porto Alegre, 1965; Iº Prêmio em Escultura do IIº Salão de Arte Universitária na Galeria Sete Povos, 1967; Iº Prêmio em Escultura do IIIº Salão Cidade de Porto Alegre, 1967. Expôs Batiques na Galeria do Instituto Central de Artes da UFRGS, juntamente com desenhos de Clébio Sória, 1971. Em 1973 fez Curso de Tapeçaria com Yeddo Tietze no Centro de Artes da UFSM. Em 1974 participou de coletiva de Tapeçaria na Galeria Guinard, de Porto Alegre. No mesmo ano, exposição coletiva de Tapeçaria, na Galeria do Instituto Central de Artes da UFRGS. Durante do Curso de Escultura frequentou o atelier de Christina Balbão, que contribuiu para sua formação. A partir de 1966 realiza viagens pela Bahia e Minas Gerais onde entra em contato com o Barroco. Desde 1969 leciona na UFSM.

Preços dos Trabalhos:

1. Porta Retrato → Cr$ 3.000,00
2. Noturno I → Cr$ 3.000,00
3. Noturno II → Cr$ 5.000,00
4. Estrela → Cr$ 3.000,00
5. Anjo → Cr$ 4.000,00
6. Remanso → Cr$ 3.000,00
7. Primavera → 7.000,00
8. Cariátide → 4.000,00
9. Figura com esplandor → 5.000,00
10. Aurora → Adquirida
11. Vésper → Cr$ 6.000,00
12. Imagem sobre o mar → Cr$ 6.000,00